ISSN: 2358-8829

A CONSCIÊNCIA CRITICA A PARTIR DE PRODUÇÕES DE FANZINE COM OS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA: DA ANÁLISE AO FAZER

Ana Stefhany Justino de Lima[1]
Andreza Rodrigues de Oliveira[2]
Sílvio César Lopes da Silva[3]

INTRODUÇÃO

Desenvolver a consciência crítica através da produção de fanzines junto com os alunos de uma escola pública foi uma construção gradual, marcada por um processo de sensibilização, reflexão e prática. A princípio, emergiu a necessidade de construir um espaço de escuta é diálogo, onde os alunos pudessem dar a voz as suas vivências, opiniões e inquietações acerca da realidade social em que estavam inseridos. A partir de rodas de conversas, debates e análises de textos e imagens, o caminho foi o de provocar nos alunos um olhar mais atento e crítico para questões como desigualdades, e identidades, cultura e direitos sociais.

Ao longo desse trajeto, observou-se que os alunos começaram a assumir uma postura mais participativa e reflexiva, articulando suas experiências pessoais com as questões discutidas em sala de aula. Nesse momento, o fanzine é introduzido como uma ferramenta pedagógica acessível e criativa, capaz de unir a expressão artística ao posicionamento crítico. Antes de sua produção, os estudantes/trabalhadores tiveram contato com os distintos moldes de fanzine, conhecendo suas características, linguagem e potencial enquanto meios de comunicação alternativa.

O processo de elaboração versou sobre planejamento, escolha de temas, produção de textos, colagens desenhos organização das ideias, sempre incentivando a autonomia e o protagonismo dos alunos. Nesse período, mediava-se o fortalecimento da consciência crítica, uma vez que os estudantes passaram a problematizar suas realidades e expressar suas opiniões de maneira mais estruturada e consciente.

Dessa forma, o momento de produzir o fanzine não foi uma chegada imediata, mas sim resultado de um percurso construído coletivamente, onde a teoria e a prática se entrelaçam o “fazer” do fanzine proporcionou um aprendizado significativo, fazendo com que os alunos não somente conhecesse criticamente o mundo ao seu redor, mas que

também se vissem a si mesmo como sujeitos aptos a intervir e transformar, essa realidade de vida.

METODOLOGIA

A metodologia fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, com características participativas, ancorada nos princípios da educação crítica, na qual os alunos são vistos como sujeitos ativos na construção do conhecimento. A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se por sua capacidade de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, compreendendo-as como construções humanas significativas (MINAYO, 2007). Essa perspectiva dialoga diretamente com Paulo Freire, para quem a educação não se reduz à transmissão de conteúdos, mas se constitui como prática de liberdade e de problematização da realidade. Freire (1996) afirma que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (p. 47), princípio que orientou todas as etapas da proposta.

A proposta metodológica articulou momentos de reflexão teórica com práticas pedagógicas criativas, tendo como alvo o desenvolvimento da consciência crítica por meio da produção de fanzines. A escolha do fanzine como linguagem central não foi aleatória: trata-se de uma mídia alternativa, acessível e historicamente vinculada a práticas de expressão de grupos que não encontram espaço nos meios tradicionais. Nesse sentido, a produção dos mesmos se aproxima daquilo Jenkins (2009) denomina como cultura participativa, na qual os sujeitos deixam de ser receptores passivos e passam a criar e compartilhar suas próprias produções, desenvolvendo habilidades de colaboração, autonomia e expressão criativa.

Inicialmente, realizaram-se atividades de sensibilização, como rodas de conversa e debates, com o intuito de levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre temas sociais relevantes, como desigualdade, identidade, cultura e direitos sociais. Esse momento foi fundamental por constituir um estímulo à participação e à construção de um ambiente de confiança para que os estudantes se sentissem à vontade para expor suas opiniões. A valorização dos saberes prévios encontra respaldo em Freire (1987), para quem "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (p. 68). A roda de conversa, nesse contexto, não é

ISSN: 2358-8829

apenas uma técnica, mas um espaço dialógico em que diferentes vozes se encontram e se transformam mutuamente. Do ponto de vista metodológico, a coleta de dados por meio de rodas de conversa e da observação participante é coerente com a perspectiva de Bogdan e Biklen (1994), para quem a investigação qualitativa em educação exige do pesquisador uma imersão no contexto natural, privilegiando a compreensão dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos às suas experiências.

Na sequência, analisaram-se as diferentes linguagens expressivas presentes nos fanzines — texto, imagens, músicas e exemplos concretos —, com o intuito de ampliar o repertório dos alunos e desenvolver a leitura crítica da realidade. Esse tipo de atividade foi essencial para que os alunos visualizassem o fanzine como uma forma alternativa, acessível, significativa e potente de comunicação que possibilita a fala. A perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin contribui para compreender esse processo: para o autor, a linguagem é essencialmente dialógica e se constitui na interação entre sujeitos historicamente situados. Ao produzirem seus fanzines, os alunos não apenas expressam opiniões individuais, mas participam de um diálogo social mais amplo, no qual suas vozes se cruzam com outras vozes presentes na cultura e na sociedade.

No transcorrer desta etapa, os alunos foram encaminhados para a produção dos fanzines, organizada em etapas que incluíram: escolha do tema, planejamento, elaboração dos conteúdos (textos, desenhos, colagens) e organização final do processo, incentivando a autonomia, o pensamento crítico e o protagonismo estudantil. Por fim, o fanzine produzido foi compartilhado com os colegas durante uma atividade de sala de aula, possibilitando trocas de experiências e a valorização das produções. Também permitiu a reflexão coletiva, tanto sobre os próprios temas abordados como sobre o próprio processo de aprender. Esse momento de compartilhamento é central para a cultura participativa descrita por Jenkins (2009): ao criar e compartilhar suas mídias, os estudantes vivenciam formas de aprendizagem entre pares, nas quais o conhecimento é construído coletivamente e ganha novos significados.

Cabe destacar que a dimensão participativa da proposta aproxima-se dos pressupostos da pesquisa-ação, tal como formulada por Thiollent (2011), para quem esse tipo de pesquisa é “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”, envolvendo pesquisadores e participantes de modo cooperativo ou participativo. Embora este estudo não se configure formalmente como uma pesquisa-ação, a ênfase na participação dos estudantes, na

ISSN: 2358-8829

reflexão sobre a prática e na transformação do contexto escolar dialoga com essa perspectiva. Além disso, a análise dos dados seguiu orientações da pesquisa qualitativa em educação, conforme Lüdke e André (1986), que destacam a importância da observação, da entrevista e da análise documental como instrumentos privilegiados para compreender os significados que os sujeitos atribuem às suas práticas.

Assim, a metodologia utilizada buscou mesclar teoria e prática, promovendo aprendizagem significativa e crítica. Os alunos puderam compreender coletivamente a realidade social e posicionar-se diante dela por meio de suas produções. Como ressalta Henry Jenkins (2009), ao passarem da condição de receptores para criadores de suas próprias mídias alternativas, os estudantes vivenciam a cultura participativa, em que o conhecimento é compartilhado coletivamente e ganha novos significados. A aproximação entre Freire, Bakhtin, Jenkins e os autores da pesquisa qualitativa permite, portanto, sustentar teoricamente uma prática pedagógica que valoriza a voz dos estudantes, a criação coletiva e a leitura crítica do mundo.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. O Fanzine como Linguagem Pedagógica no Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira

O fanzine enquanto linguagem pedagógica no ensino de Sociologia e cultura Afro-Brasileiro é uma estratégia didática inovadora conforme a proposta da lei Nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do estudo da temática nas escolas. Efetivamente pensar em práticas pedagógicas que almejam uma educação crítica e atirracista é fundamental para formação dos estudantes.

A proposta de educação crítica tem fundamento em Paulo Freire, que afirma que “Não há saber menos; há saberes diferentes”(Freire,1996,P.68). Está compreensão reforça a importância do reconhecimento dos estudantes como sujeitos ativos no processo de aprendizado, valorizando suas vivências e experiências. O fanzine, neste sentido, apresenta-se como uma possibilidade de expressão desses saberes através de uma linguagem de fácil compreensão, criativa e autoral. Ademais, o uso de fanzine possibilita uma prática pedagógica que rompe com as formas tradicionais e bancárias de

ISSN: 2358-8829

ensino. Como nos diz bell hooks: “A educação como prática da liberdade é aquela modalidade de ensinar que todos podem aprender”(Hooks,2013, p.25), denotando a necessidade de se criar metodologia que fomente a participação e autonomia dos estudantes.

No tocante a temática das relações etnico–raciais, ao trabalhar com a história e cultura Afro-Brasileiro exige abordagens pedagógicas que valorizam as identidades históricas marginalizadas. Neste sentido, Nilma Lino Gomes afirma que “A educação das relações- etnico raciais pressupõe uma mudança de postura, de práticas e de conce no interior da escola”(Gomes,2012,p.12). O fanzine, como instrumento pedagógico, auxilia nas transformações ao possibilitar que os estudantes reflitam sobre o racismo, identidade e pertencimento.

Ao discutir a diáspora africana e a construção das identidades negras, é possível dialogar com Stuart Hall, quando o mesmo nos diz que “As identidades não são nunca unificadas; são cada vez mais fragmentadas e fraturadas”(Hall,2006,P.13). Tal perspectivas contribui para perceber a complexidade das identidades afro-brasileiras, que podem ser tratadas de maneira sensível e crítica por meio das produçoes dos estudantes.

Da mesma forma, a discussão sobre resistência negra pode ser aprofundada com Lélia Gonzalez, que evidencia a importância da valorização da cultura afro-brasileira como um aspecto importante do enfrentamento do racismo estrutural. Para a autora, “ A cultura negra no Brasil é uma resistência à opressão histórica”(González,1988, p.69, p.13), sendo possível trabalhar nos fanzines por meio das narrativas, imagens e expressões culturaisEm matéria de linguagem, o fanzine pode ser vista como um espaço de múltiplas vozes e múltiplos discursos. É neste sentido que Mikhail Bakhtin colabora ao afirmar que “A linguagem é essencialmente dialógica” (Bakhtin,1997, p.113), o que possibilita encarar o fanzine como um meio de convergência e expressão de diferentes perspectivas e experiências.

Portanto, o fanzine se concretiza como um potente recurso pedagógico no ensino de Sociologia e cultura Afro-Brasileira, pois ao articular a criatividade, criticidade e a participação, favorece não apenas a compreensão dos conteúdos curriculares, mas também a construção de uma consciência com a valorização da diversidade e com a promoção da igualdade racial na escola.

ISSN: 2358-8829

A participação ativa da juventude no ambiente escolar é um componente fundamental na estruturação crítica e libertadora em especial quando articulada ao reconhecimento das identidades etnico-raciais nesse sentido, a elaboração de fanzines surge como uma estratégia pedagógica que possibilita aos alunos expôs suas leituras sobre a identidade negra, sobre pertencimento e sobre vivências sociais, por meio de suas próprias linguagens artísticas e autorais.

2. Protagonismo Juvenil e Expressão da Identidade Negra em Produções Artísticas Escolares

Esta valorização da voz dos estudantes decorre precisamente da proposta de educação dialógica de Paulo Freire, segundo o qual "Não educa ninguém , ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão" (Freire,1987, p.79). Tal proposta reafirma a relevância de práticas pedagógicas que suscitam a participação efetiva dos alunos, mesmo que ele precise considerá- lo um sujeito do conhecimento e um produto da cultura.

No que se refere ao desenvolvimento da identidade negra Kabengele Munanga diz que "A identidade negra não é nada; mas construída no espaço e no tempo, isto é construído historicamente, socialmente e politicamente"(Munanga,2003, p.15). Tal construção é visível nas produções artísticas dos estudantes, nas quais despontam símbolos, cores , personagens e narrativas ligadas em suas vivências e referências culturais.

A análise dessas produções possibilitam de que forma os alunos elaboram suas visões de mundo e re-significam elementos marcados historicamente pelo racismo. Nesse sentido, Nilma Lino Gomes afirma que "Dizer que a identidade negra se constroi em função de um reconhecimento positivo de si mesmo; do reconhecimento e da valorização da própria história e da própria cultura"(Gomes,2005, p.45). Por conseguinte, o fanzine se transforma em um espaço de afirmação identitária, no qual os estudantes podem reconstruir as narrativas e reforçar o sentimento de pertencimento.

Ademais, ao produzirem suas narrativas a partir de experiências inscritas em elementos visuais e textuais, elas dialogam entre diversas formas de linguagens e, por conseguinte, de representação. Para Stuart Hall, "A identidade é algo que se forma, que se constrói ao longo do tempo, que é o resultado de processos não conscientes, e não

ISSN: 2358-8829

algo que existe, sempre percebido na consciência, desde o nascimento"(Hall,2006,P.38). Esta reflexão traz à tona o caráter processual da produção dos alunos, já que ela resulta antes de mais nada, de construções socialmente contextualizadas e entrelaçadas com processos culturais e históricas.

Outro aspectos importante é a dimensão da resistência presentes nas produções juvenis, ao retratar personagens negros, valorizar traços físicos ou representar e discutir tema como racismo e desigualdade, os estudantes elaborou narrativas que dialogam com estereótipos instituídos historicamente. Nesse sentido, Lélia Gonzalez coloca que "Assumir a identidade negra é um ato politica de resistência"(Gonzalez,1988, p.72), por isso tais expressões têm natureza transformadora. Essa valorização e resgate dialogam também com Frantz Fanon (2008), ao demonstrar a importância da desalienação e da superação das representações subalternizadas impostas pelo racismo.

Com isso, a produção de fanzines no espaço escolar não apenas transforma a criatividade em um exercício de protagonismo juvenil e construção de elementos que compõem essas produções imagens, cores, textos, símbolos etc, se pode perceber como os estudantes constroem suas percepções sobre si mesmo e sobre o mundo, contribuindo para uma educação inclusiva, representativa e socialmente e socialmente comprometida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3. Análise das Representações do Racismo e da Desigualdade Social em Fanzines Produzidos por Estudantes

A pesquisa em fanzines produzidos por estudantes possibilita entender como o racismo e desigualdade social são apreendidas, interpretadas e denunciadas no ambiente escolar. Por se constituírem em espaços de livre e autoral expressão, os fanzines denotam narrativas que aglutinam vivências individuais e coletivas, apontada para presença de estruturas sociais desiguais que atravessam o cotidiano.Neste sentido, o racismo pode ser considerado como um fenômeno estrutural, capaz de organizar as relações sociais e produzir iniquidades duradouras. Como aponta Sílvio Almeida, "O racismo é estrutural, ou seja, pertence à organização econômica e política da sociedade"(Almeida, 2019, p.33). Esta ótica torna-se fundamental para refletir sobre

como os sujeitos aprendem o racismo nos seus fanzines, frequentemente explicitando situações de discrimas desiguinaçao, exclusão e violência simbólica.

As produções apresentam também como os alunos percebem as desigualdades sociais, geralmente relacionadas a classe, a raça e ao acesso aos direitos. Para Jessé de Souza, "a desigualdade não é apenas econômica, no Brasil, [...] é, também, moral e simbólica"(Souza, 2017, p.41). Esse aspectos toma visibilidade nos fanzines em narrativas que denunciam marginalizações vividas por grupos sociais determinados a naturalização das desigualdades.

Ao identificar as questões abordadas pelos fanzines, aparecem elementos como combate ao racismo nos cotidianos, denúncia da violência policial, a desigualdade no acesso à educação e uma valorização da identidade negra. Essas expressões se relacionam à proposta de consciência crítica de Paulo Freire, que declara "A conscientização é o esforço crítico do autoconhecimento" (Freire, 1980, p.26). Portanto, os fanzines podem ser compreendidos como resultado do processo de reflexão e da posição frente a realidade social.

São as denúncias e também as reivindicações de direitos e direitos e de justiça social apresentado nos fanzines que denotam o papel dos estudantes como sujeitos políticos. Nesse sentido, Djamila Ribeiro salienta que "Falar é um ato político" (Ribeiro, 2017, p.64), sublinhando que há opressão. Ao usar o fanzine como forma de comunicação, os alunos estão exercendo o direito a falar ao tornar visíveis suas reivindicações e seus olhares.

A dimensão simbólica das produções também é importante, pois imagens, cores e personagens representam a experiências sociais. Como afirma Stuart Hall "A representação e produção de sentidos pela linguagem" (Hall, 1997, p.16), possibilitando entender os fanzines como espaços de construção de sentido sobre o racismo e a desigualdade.

A análise das produções dos fanzines dos estudantes, demonstra não apenas a presença de uma leitura crítica da realidade, mas também a capacidade dos estudantes de transformar suas vivências em narrativas de denúncias e resistências. As produções evidenciam sujeitos que, ao perceberem as estruturas de opressão, se posicionam frente a elas, contribuindo para a construção de uma consciência crítica e socialmente engajada.

ISSN: 2358-8829

4. A Prática Pedagógica Antirracista no Contexto Escolar: Limites e Possibilidades a partir da Experiência com Fanzines

A implementação de práticas pedagógicas antirracistas no cenário escolar configura-se como um desafio latente e necessário diante das desigualdades raciais que historicamente permeiam a sociedade brasileira. A experiência com a produção de fanzines revela-se uma estratégia significativa neste processo ao propiciar a articulação entre crítica reflexiva e a expressão de criatividade dos alunos. Contudo, essa prática também revela limites estruturais e institucionais que devem ser levados em consideração.

A educação antirracista requer uma mudança de posicionamento no seio da escola, que implica em rever curriculum, praticas pedagógicas e concepções de ensino. Neste sentido, Nilma Lino Gomes afirma que "A implementações de uma educação para as relações étnico-raciais exige uma revisão profunda das praticas escolares e dos conteúdos ensinado"(GOMES,2012,P.98). A utilização dos fanzines, neste universo surge como uma possibilidade concreta de romper com as práticas tradicionais, estimulando o protagonismo estudantil e valorização das narrativas históricas que foram silenciadas.

Entretanto, a concretização dessas práticas é limitada pela falta de formação específicas dos professores, pela falta de formação específicas dos professores, pela não disponibilização de materiais didáticos adequados e ainda, em muitos casos pela resistência institucional. No entendimento de Kabengele Munanga, "O combate ao racismo deve passar pela educação, porém esta ainda não está totalmente preparada para fazer frente a esse desafio"(Munanga, 2005, p.23). Essa deficiência revela a necessidade de políticas de formação continuada que capacitem os educadores para o trabalho étnico-racial.

Apesar disso, a vivências dos fanzines traz significativos novos horizontes na construção de uma prática pedagógica antirracista. Por eles estimularem a reflexão dos estudantes quanto a sua realidade e a expressão de sua opinião, o educador age como mediador do processo de conscientização.

Fora desse sentido, Paulo Freire afirma que "Ensinar é reconhecer que a educação é ideológica" (Freire, 1996, p.125), o que reforça o comprometimento do educador assumindo que deve ser uma prática crítica e transformadora. Além disso,

ISSN: 2358-8829

utilizar o fanzine favorece a constituição de um espaço pedagógico mais democráticos e participativo. De acordo com Bell hooks, “A sala de aula deve ser um espaço de possibilidades, onde todos possam falar e ser ouvidos”(Hooks, 2013, p.41). Essa visão ocorre na prática com fanzine, já que os alunos têm o poder de, de fato, dar a voz a suas vozes a contribuir, coletivamente, o conhecimento.

Um outro aspecto importante diz respeito a consequente formação crítica dos alunos mediante essas práticas. Ao problematizar questões como racismo, desigualdade, entre outras, os alunos desenvolvem uma leitura mais crítica da realidade social. Silvio Almeida afirma que “Compreender o racismo como estrutura é fundamental para pensar estratégias de transformação social” (Almeida, 2019, p.47). Nesse sentido, o fanzine é um recurso para que os alunos reconheçam e se posicionem frente a essas estruturas.

Nesse sentido, podemos perceber que a prática pedagogica antirracista mediada pela produção de fanzines constitui-se como uma possibilidade poderosa de transformação no âmbito escola, ainda que desafiante. Ao promover diálogo, expressão e reflexão crítica, da prática se coloca, como uma possibilidade de formação de sujeitos mais conscientes, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência produzida como a produção de fanzine no espaço escolar demonstrou as possibilidades dessa prática no sentido de uma ferramenta pedagógica para construir uma educação crítica, participativa e antirracista. Ao longo desse percurso, se vislumbrou que a articulação entre teoria e prática foi indispensável para o envolvimento dos estudantes, permitindo que estes não mais sentissem como sujeitos passivos passando a se consubstanciar como sujeitos ativos da construção do conhecimento.

As atividades desenvolvidas favorecem não apenas a apreensão dos conteúdos ligados à história e cultura Afro-brasileira, conforme o previsto na lei Nº10.639/03, mas também potencializaram problematizações de questões como racismo, desigualdades social é identidade. Através destas produções dos fanzines, os estudantes expressaram suas vivências, percepções e posicionamentos numa construção do que chamamos aqui de construção de reconhecimento de si como sujeito históricos e sociais. Além do mais,

o trabalho com os fanzines contribui para o fortalecimento do protagonismo juvenil, estimulando a criatividade, a autonomia e capacidade de argumentação dos estudantes. As produções analisadas apresentaram elementos simbólico e normativos que caracterizam, tanto as denúncias de injustiças sociais quanto formas de resistências e a valorização da identidade negra, denotando um avanço na maneira como os alunos têm conseguido compreender e interpretar a realidade em que vivem.

Entretanto, foram contadas também limites desse processo como as dificuldades e a falta de recursos, o tempo escasso para o desenvolvimento das atividades e a necessidade de formação docente mais robusta, para trabalhar a questão etnico-racial. Essas barreiras tornam ainda mais relevante a necessidade de políticas educacionais que garantam condições dignas, para o efetivo desenvolvimento de práticas pedagógicas comprometidas com a promoção da igualdade racial.

Apesar das dificuldades, a vivências nos fanzines foi significativa e transformadora, tanto para os alunos quanto para a docência. Ao promover o diálogo, a expressão e a reflexão crítica, essa proposta possibilitou a constituição de sujeitos mais conscientes, que consigam reconhecer e lutar contra as desigualdades sociais.Dessa forma, pode-se concluir que a experiência com os fanzines enquanto recurso pedagógicos no ensino de sociologia e cultura afro-brasileira constitui uma possibilidade concreta de se construir uma educação mais democrática, inclusiva e socialmente comprometida, reformando o papel da escola como espaço de transformação social e de valorização da diversidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras.** São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.